





A
P
A
I
X
Ã
O

P
E
L
A

O R D E M

O BOTÂNICO CARL LINNAEUS AMAVA A NATUREZA – E
NOS LEGOU UM SISTEMA PARA NOMEAR AS ESPÉCIES
AINDA USUAL, 300 ANOS DEPOIS DE SEU NASCIMENTO.

O sueco classificou as plantas em 24 classes por suas partes sexuais, como mostra o desenho (no alto) e uma *Fuchsia* (à esquerda) que tem oito estames (órgãos masculinos) ao redor de um pistilo (feminino).





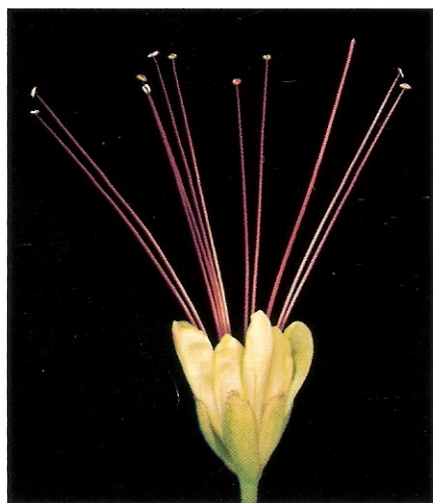
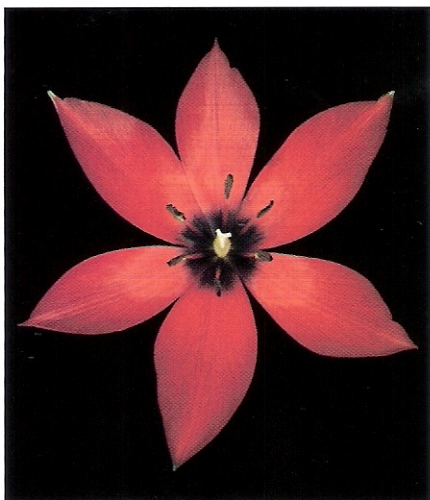
Linnaeus comparou as partes sexuais de cada classe numerada a complexas relações humanas. Por exemplo: descreveu a classe 8, que incluía a *Fuchsia*, como "oito homens no mesmo quarto nupcial com uma mulher". Os dois estames amarelos da *Salvia patens* (à esquerda) situam-na na classe 2. Já a *Dahlia hortensis* (abaixo), com os estames fundidos em um tubo, é da classe 19. Hoje os botânicos usam um sistema diferente, mas a ousada iniciativa de Linnaeus – classificar tudo em grupos e subgrupos – deu estrutura à biologia moderna.

"Dois homens no mesmo casamento."



“Os homens criaram uma união com seus órgãos sexuais.”

O cardo *Cirsium vulgare* (à direita), aparentemente distante de uma *Dhalia*, também se situa na classe 19 (acima). Na mesma classe está a *Centaurea cyanus* (abaixo, à esquerda). A *Tulipa linifolia* (abaixo, à direita) é uma de cerca de 100 representantes conhecidas de seu gênero, parente próxima dos lírios. O confeiteiro comum (embaixo, à direita), uma espécie de *Symphytum*, é útil para fazer cola e “eficaz contra escarro com sangue”, disse Linnaeus. A ave-do-paraíso (embaixo, à esquerda) recebeu o nome de seu gênero, *Caesalpinia*, de um botânico que, como Linnaeus, era médico.







“Os homens, como irmãos, emergindo de um tronco.”

POR DAVID QUAMMEN • FOTOS DE HELENE SCHMITZ

A primavera chega tarde à Suécia. Por isso ainda era primavera em 23 de maio de 1707, quando nasceu o filho da mulher do vigário de um vilarejo sueco chamado Stenbrohult. O tempo estava frio, e o solo, úmido, as árvores tinham folhas, mas não flores, quando o bebê nasceu, também ele com o corpo frio e úmido. O pai da criança, Nils Linnaeus, era um botânico amador fanático por jardinagem, além de ministro luterano. Inventara seu sobrenome – uma necessidade burocrática para matricular-se na universidade – substituindo seu patrimônio tradicional, filho de

Ingemar, pela palavra sueca *lind*, o nome da árvore tília. Nils Linnaeus adorava plantas. A mãe da criança, Christina, filha de um reitor, tinha apenas 18 anos. Batizaram o bebê de Carl. Decoraram seu berço com flores ou, pelo menos, isso é o que diz a história, filtrada pela retrospectiva mítica desse homem que se tornou o mais ilustre botânico do mundo.

Quando o pequeno Carl ficava manhoso, punham-lhe na mão uma flor e ele se acalmava – pelo menos assim se contou à posteridade. As flores foram seu primeiro passo para a apreciação da beleza e da diversidade da natureza. Ele parece ter sentido, mesmo naquela tenra idade, que, além de serem belas e



diversas, elas também continham algum tipo de significado.

Logo ele se tornou fascinado não só pelas flores e pelas plantas que as produziam mas também pelo nome delas. Colhia flores silvestres e azucrinava seu pai até que ele as identificasse. “Mas ainda era criança”, diz um relato, “e costumava esquecer-se dos nomes”. Seu pai foi ficando impaciente e acabou ralhando com o pequeno Carl. “Avisou que não lhe diria mais os nomes se ele continuasse a esquecê-los. Depois disso, o menino tudo fez para gravá-los na mente, com medo de perder seu maior prazer.” Os nomes e sua gravação na memória, juntamente com o pacote de informações

A designação de gênero *Malope* (como na *Malope trifida*, à direita) é uma das muitas cunhadas por Linnaeus, que nomeou e renomeou milhares de espécies, trazendo ordem a um caótico amontoado de informações. Após uma expedição à Lapônia na juventude, em 1732, ele posou orgulhoso para um retrato em seu traje lapão (acima).



que eles rotulam, são temas assíduos na maturidade científica desse homem. Mas, para entendermos o tremendo renome que ele mereceu ainda em vida e sua duradoura importância, precisamos reconhecer que Carl Linnaeus, ou Carlos Lineu, como apertuguesaram seu nome, não foi apenas um grande botânico que inventou e memorizou nomes.

Linnaeus, na verdade, foi algo mais moderno: um arquiteto da informação.

Se você consultar uma biografia resumida em enciclopédia ou site, provavelmente lerá que Carl Linnaeus é o “pai da taxinomia”, isto é, da classificação biológica. Ou ainda que ele criou o sistema binomial em latim para nomear as espécies, usado até hoje. São afirmações corretas, mas não revelam o que tornou esse homem tão importante para a biologia. Talvez você leia que ele cunhou o nome da nossa espécie, *Homo sapiens*, e nos situou, de forma audaciosa, em uma categoria de mamíferos que incluía os macacos e os grandes primatas. Isso também é verdade, mas pode levar a mal-entendidos. Linnaeus não foi nenhum evolucionista de carteirinha. Pelo contrário, defendia com fervor a visão criacionista então prevalecente sobre as origens biológicas, segundo a qual o estudo da natureza revela as provas dos poderes criativos e da misteriosa ordem de Deus. Linnaeus, porém, não era tão devoto a ponto de não procurar coisa nenhuma além do divino no mundo material. Eis o que fez dele um herói para nossa época: valorizar a diversidade da natureza por si mesma, e não só para a edificação teológica, e ansiar por acolher cada pedacinho possível dela em sua



Alguns dos espécimes vegetais de Linnaeus (incluindo esta *Scabiosa*) são preservados no Museu Sueco de História Natural.

mente. Em sua opinião, a humanidade devia descobrir, nomear, contar, estudar, compreender e apreciar todos os tipos de criaturas da Terra.

Para reunir todo esse conhecimento, era preciso apenas duas coisas: observação perspicaz incansável e um sistema.

Na primavera de 1782, pouco antes de seu 25^o aniversário, Linnaeus partiu em uma expedição pela Lapônia, a selvagem região setentrional do reino sueco, esparsamente habitada

por um povo pastor de renas, os samis. Durante cinco meses viajou cerca de 5 mil quilômetros a cavalo, a pé e de barco, fazendo anotações e coletas de espécimes pelo caminho. Interessou-se por tudo – aves, insetos, peixes, geologia, os costumes e a tecnologia dos samis, mas especialmente pelas plantas. Em seu diário, fez desenhos, alguns apenas esboços toscos e outros (de plantas, como não podia deixar de ser) delicados e precisos. Por fim, produziu um livro, *Flora Lapponica*, com a descrição dos dados botânicos que coletara.

Linnaeus saiu do país em 1735 para progredir na carreira. Esteve na Holanda, formou-se em medicina e logo voltou para as plantas.

Não foi difícil combinar as duas atividades, pois naquela época, com o uso farmacêutico das plantas, a botânica era considerada um ramo da medicina. Linnaeus foi trabalhar em caráter temporário para um homem rico chamado George Clifford, diretor da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Foi ser curador de botânica e médico na propriedade rural de Clifford, próximo à cidade de Haarlem. Ali o trabalho de Linnaeus resultou em mais um livro, um catálogo



“Quatro homens no mesmo casamento.”

descritivo da flora da propriedade de Clifford.

O livro, *Hortus Cliffortianus*, foi ilustrado por um jovem artista chamado Georg Dionysius Ehret. Embora viessem a tornar-se amigos para toda a vida, Ehret recordou-se mais tarde de que o Linnaeus daqueles tempos era um oportunista convencido. Todos os relatos o mostram como um homem cheio de energia e planos, de idéias e opiniões, sedento de sucesso e de mais conhecimento. Tão confiante que beirava à arrogância, mas simpático, revelou-se bom em fazer amigos, encontrar patrocinadores e cultivar contatos poderosos. Nos três anos que passou no exterior, publicou oito livros – um espantoso surto de produtividade, explicado, em parte, pelo fato de que tinha levado alguns originais já escritos ao partir da Suécia. Um desses manuscritos veio a ser o *Systema Naturae*, hoje considerado o texto fundador da taxonomia moderna.

Linnaeus não foi o primeiro naturalista a tentar fazer o arrolamento e a sistematização da natureza. Entre seus predecessores estão Aristóteles (que classificou os animais como “com sangue” e “sem sangue”), Leonhart Fuchs, do século 16 (que descreveu 500 gêneros de planta, relacionados em ordem alfabética), o inglês John Ray (cuja *Historia Plantarum*, publicada em 1686, ajudou a definir o conceito de espécies) e o botânico francês Joseph Pitton de Tournefort, contemporâneo de Ray, que classificou o mundo vegetal em uns 700 gêneros, baseado na aparência de flores, frutos e outras partes anatômicas das plantas.

Linnaeus emergiu dessa tradição e foi além. Seu *Systema Naturae*, do modo como foi publicado, em 1735, era excepcional, uma coisa inédita: um volume in-fólio, de mais de 12 páginas, no qual delineava um ousado sistema de classificação para todos os membros do que ele considerava os três reinos da natureza: vegetal, animal e mineral. Apesar da inclusão dos minerais, o que realmente importava para Linnaeus eram suas novas concepções sobre os reinos da vida.

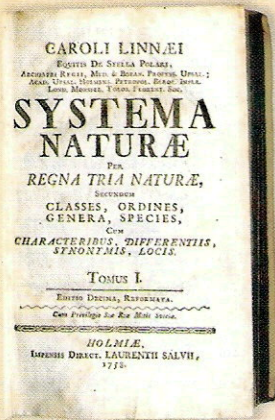
Seu esquema do reino animal, apresentado em página dupla, foi organizado em seis colunas principais, encabeçadas pelo nome da respectiva classe lineana: Quadrupedia, Aves, Amphibia, Pisces, Insecta, Vermes. Os Quadrupedia foram divididos em várias ordens de quadrúpede, entre elas Anthropomorpha (principalmente primatas), Ferae (como os canídeos, felídeos, ursos) e outras. Seus Amphibia compreendiam os répteis e os anfíbios, e seus Vermes formavam um grupo abrangente, contendo não apenas minhocas, sanguessugas e trematódeos mas também lesmas, pepinos-do-mar, estrelas-do-mar, cracas e outros animais marinhos. Linnaeus subdividiu cada ordem em gêneros (alguns com nomes reconhecíveis, como *Leo*, *Ursus*, *Hippopotamus* e *Homo*), e cada gênero em espécies. Além das seis classes, Linnaeus também dedicou meia coluna ao que denominou Paradoxa, um grupo inexplicável de criaturas quiméricas ou desnorteantes, como o unicórnio, a fênix, o dragão, o sátiro e um certo sapo gigante (hoje conhecido como *Pseudis paradoxa*) que, curiosamente, encolhe muito durante a metamorfose, até o tamanho de um sapinho. O cabeçalho desse esquema dizia, em letras graúdas: CAROLI LINNAEI REGNUM ANIMALE. Atribuir um sentido à diversidade da fauna com base no que se conhecia e se acreditava na época foi um trabalho provisório, integrado, de abrangência grandiosa, porém não especialmente original.

Pensando bem, os animais não eram sua especialidade. As plantas, sim. A classificação de Linnaeus do reino vegetal foi mais inovadora, mais abrangente e mais bem organizada. Tornou-se conhecida como o “sistema sexual”, pois ele reconheceu que as flores são estruturas sexuadas, e usou os órgãos masculinos e femininos – estames e pistilos – para caracterizar seus grupos. Linnaeus definiu 23 classes e nelas situou todas as plantas floríferas (com uma 24ª classe para as criptógamas, que não têm flor). Fez isso com base

O FLORESCEM DA ÁRVORE DA VIDA

O botânico Carl Linnaeus concebeu um sistema hierárquico de classificação dos seres vivos e introduziu a nomenclatura usada até hoje. Depois que a evolução foi aceita como o processo pelo qual surgem as espécies, os cientistas criaram árvores das diversas famílias, analisando a herança comum de características específicas, como bico e ossos.

Linnaeus catalogou cerca de
7 700 plantas
4 400 animais



A CLASSIFICAÇÃO LINEANA
 A 10ª edição do *Systema Naturae* (1758-59) marca o nascimento da taxonomia moderna. Linnaeus discerniu uma ordem no mundo natural observando características físicas. Agrupou os organismos em categorias chamadas gêneros, por sua vez agrupadas em categorias superiores baseadas em semelhanças.

Hierarquia natural

- Reino *Animalia*
- Filo *Chordata*
- Classe *Mammalia*
- Ordem *Primates*
- Família *Hominidae*
- Gênero *Homo*
- Espécie *H. sapiens*

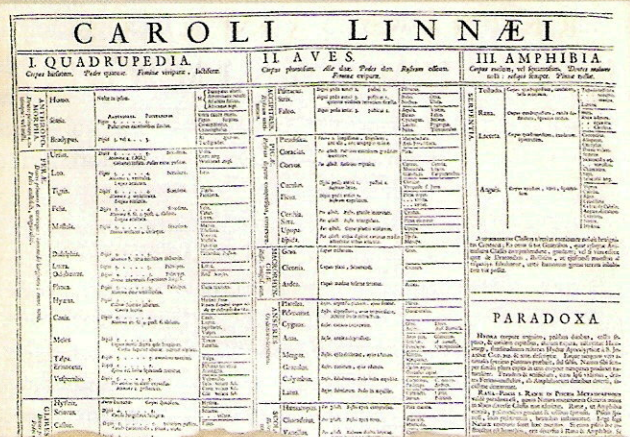
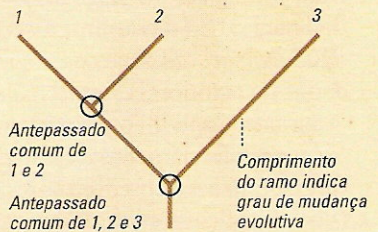
Nomenclatura binomial

Linnaeus fundiu o nome do gênero e um epíteto específico (como *sapiens*, à direita) para identificar cada espécie.

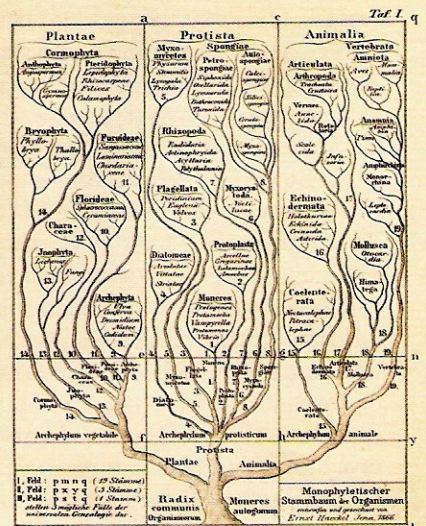
ÁRVORES GENEALÓGICAS

Fundamentado na obra de Linnaeus, o biólogo alemão Ernst Haeckel (1834–1919) usou a idéia da árvore para mostrar como os seres vivos são aparentados. Nos anos 1900 o entomologista alemão Willi Hennig classificou espécies em ramos evolucionários originados de um ancestral comum, como na árvore abaixo.

Desenho da evolução



Cópia da primeira edição do *Systema Naturae* (1735)



Primeiro diagrama em forma de árvore proposto por Ernst Haeckel (1866)



Hoje os taxonomistas usam semelhanças genéticas para ajudar na classificação das espécies.

ÁRVORES GENÉTICAS

Agora que a maior capacidade dos computadores permite criar gigantescos bancos de dados com informações genéticas, os cientistas podem produzir classificações mais refinadas dos seres vivos e suas relações com ancestrais comuns. Com isso, confirmaram idéias antigas e fizeram novas descobertas.



Os biólogos estimam que existam entre **4 milhões** e **100 milhões** de espécies na Terra.

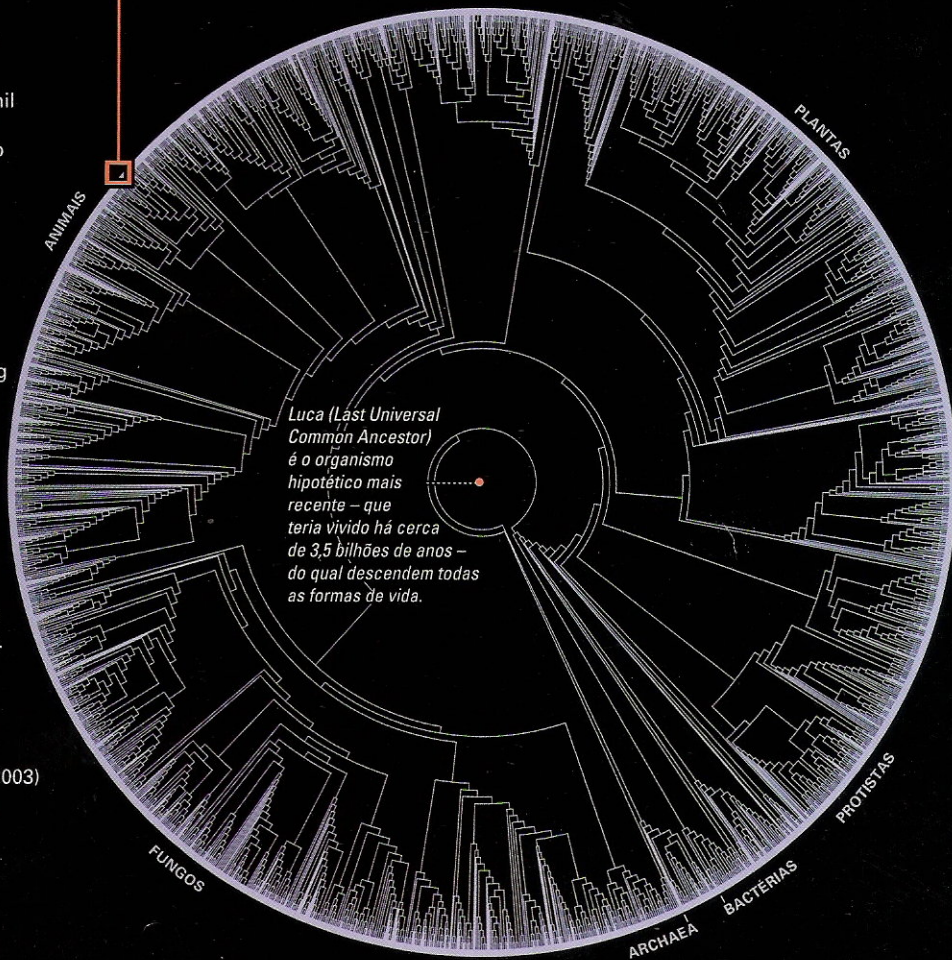
1,75 milhão foram identificadas, mas apenas

80 MIL foram situadas nas várias árvores da vida, e

3 MIL constam desta árvore, uma das maiores.

A busca continua

A árvore à direita mostra as relações, baseadas em um único gene, entre 3 mil espécies escolhidas para representar todo o conjunto dos organismos. Muitas outras árvores estão sendo montadas, entre elas uma para anfíbios e uma para samambaias e musgos. Com seu programa *Assembling the Tree of Life* (Montagem da Árvore da Vida), a Fundação Nacional da Ciência pretende combinar os atuais esforços e criar uma "superárvore" – um único mapa genealógico de todas as linhagens da Terra.



Árvore genética: University of Texas (2003)

DAVID M. HILLIS, DERRICK ZWICKL, E ROBIN GUTELL, UNIVERSITY OF TEXAS, EM AUSTIN



“Três homens no mesmo casamento.”

no número, tamanho e disposição dos estames. Em seguida, subdividiu cada classe em ordens, com base nos pistilos. Deu às classes nomes como Monandria, Diandria, Triandria (que significam um marido, dois maridos, três maridos) e, em cada uma, números ordinais, como Monogynia, Digynia, Trigynia. Com isso evocou todo tipo de *ménages* (uma planta da ordem das Monogynia na classe Tetandria: uma esposa com quatro maridos), causando risadinhas obscenas e carrancas desaprovadoras entre seus contemporâneos. O próprio Linnaeus parece ter apreciado essas metáforas eróticas. E isso não impediu que seu esquema botânico se tornasse o sistema de classificação das plantas aceito em toda a Europa.

O artista Georg Ehret ajudou a divulgar as idéias de Linnaeus ao produzir uma bonita *tabella*, um cartaz, ilustrando as características definidoras das 24 classes lineanas. A *tabella* vendeu bem e rendeu algum dinheiro a Ehret. Linnaeus, sempre relutante em partilhar os louros, incluiu a ilustração de Ehret sem os créditos em um de seus livros posteriores. Mas não se esquecerá de seu velho amigo, e após sua morte restaram provas — das quais falaremos mais adiante — de que, fora as suas próprias idéias botânicas, as de Ehret estavam entre as poucas que ele valorizava.

Após voltar para a Suécia, tornar-se marido, pai e professor da Universidade de Uppsala, Linnaeus continuou a produzir livros às pencas. Publicou edições revistas e ampliadas de *Systema Naturae*, além de obras estritamente botânicas, como *Flora Suecica* (1745), *Philosophia Botanica* (1751) e *Species Plantarum* (1753). *Philosophia Botanica* é um compêndio de concisos postulados numerados nos quais ele explicita sua filosofia botânica. Por exemplo: “O alicerce da botânica é duplo, classificação e nomenclatura”. A classificação das plantas em categorias e subcategorias racionais é crucial por três razões: porque existem numerosos tipos (e surgiram mais a cada ano durante a época de grandes descober-

tas na qual Linnaeus viveu), porque se sabe bastante sobre muitos desses tipos e porque a classificação torna acessíveis esses conhecimentos. A relação em ordem alfabética pode ter funcionado bem com 500 gêneros de planta, mas, quando a contagem aumentou para milhares de espécies, ela não serviu mais.

Havia também um propósito mais profundo nessa iniciativa do sueco. Encontrar o “método natural” de classificar as plantas em grupos seria descobrir a lógica secreta da criação biológica de Deus, exatamente como Newton descobrira a matemática física do Todo-Poderoso. Linnaeus sabia que não alcançara esse objetivo nem mesmo com seu sistema sexual de 24 classes, que era conveniente, mas artificial. Ele não podia imaginar que a classificação mais natural das espécies reflete seu grau de parentesco com base na descendência evolutiva. Mas sua paixão pela ordem, pela busca de uma ordem natural, acabou impelindo a taxonomia em direção às descobertas mais tarde anunciadas por Charles Darwin.

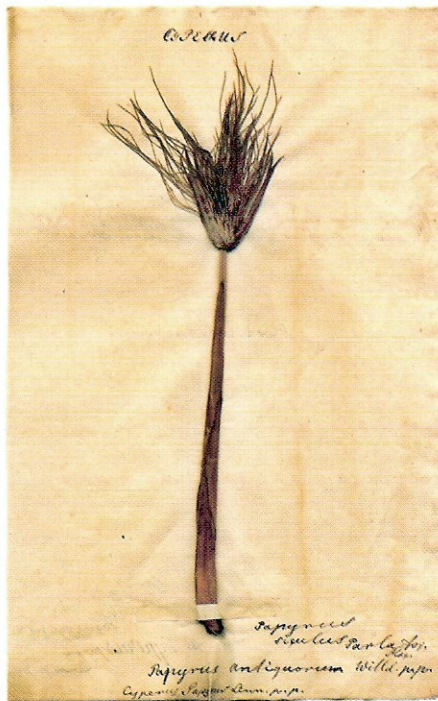
Quanto à nomenclatura, ela contribuiu para o mesmo fim. “Se você não sabe o nome das coisas, o conhecimento sobre elas também se perde”, escreveu ele em *Philosophia Botanica*. Nomear as espécies, assim como classificá-las, tornou-se cada vez mais problemático à medida que se descobriam muitas mais. O velho método, que consistia em ligar longas cadeias de adjetivos e referências para formar rótulos plenamente descritivos, virou um transtorno. Em *Species Plantarum*, Linnaeus estabeleceu o sistema binomial em latim para nomear as plantas, e na décima edição de *Systema Naturae*, publicada em 1758-59 em dois alentados volumes, estendeu o sistema a todas as espécies, vegetais e animais. Uma erva aquática conhecida pelo desajeitado nome de *Potamogeton caule compresso, folio Graminis canini etc.* tornou-se *Potamogeton compressum*. Nós passamos a ser *Homo sapiens*.

A vida de Linnaeus em Uppsala não era só es-

crever. Ele era considerado um professor excepcional, que falava num estilo vívido, claro e espirituoso e tinha uma memória e tanto para fatos. Suas conferências costumavam lotar a sala, suas aulas particulares davam-lhe um ganho adicional, e com ele a botânica tornava-se empírica e divertida, pois organizava festivas excursões de campo pelo interior nos sábados de verão, com direito a piquenique, bandeiras, tambores e um toque de corneta sempre que algu

guém encontrava uma planta rara. Ele tinha instinto de promotor de eventos. Mas também era muito eficaz como mentor dos estudantes talentosos e empenhados, e desses mais de uma dúzia partiu em arrojadas explorações de história natural pelo mundo, fielmente remetendo dados e espécimes ao velho mestre. Com sua sublime ausência de modéstia, ele chamava esses viajantes de “apóstolos”. Em 1761 o governo concedeu-lhe um título de nobreza, e ele então enalteceu seu sobrenome de árvore para Von Linné. A essa altura, era o mais famoso naturalista da Europa.

Sua esposa zelava pela privacidade da família, e seu filho tornou-se um botânico sofrível, mas seu papel de professor deu-lhe imensas satisfações e gerou numerosos descendentes intelectualmente brilhantes. Apesar das limitações de suas habilidades em línguas (ele talvez tenha sabido um pouco de holandês e de alemão, mas escreveu todas as suas obras em sueco e latim) e de sua experiência geográfica (nunca mais saiu da Suécia), Linnaeus tornou-se um enciclopedista da flora e da fauna global. Em vez de viajar pessoalmente, ele baseou-se na correspon-



Este bem preservado espécime de *Cyperus papyrus* representa uma das milhares de espécies nomeadas pelo próprio Linnaeus.

dência com naturalistas do mundo inteiro e nas informações recebidas de seus apóstolos, como Daniel Solander (que participou da primeira viagem de Cook), Pehr Kalm (na América do Norte) e Anders Sparrman (China, África do Sul e na segunda viagem de Cook). Linnaeus não tinha apetite para os rigores e o clima dos trópicos, embora mostrasse curiosidade voraz pela diversidade das plantas tropicais. Os rapazes que coletassem as informações; ele as sistematizaria.

Em Uppsala, conversei sobre esse aspecto manipulador e sedentário de Linnaeus com o professor Carl-Olof Jacobson, zoólogo aposentado que preside a Sociedade Lineana da Suécia. Não, Linnaeus não queria sair do país, disse-me o professor Jacobson. “Ele queria ser a aranha na teia.”

O centro dessa teia, dessa rede de seda científica, estava em Uppsala e seus arredores, com a universidade, seu esplêndido jardim botânico e uma pequena propriedade rural conhecida como Hammarby, a 8 quilômetros da cidade. Linnaeus comprou Hammarby e ali construiu uma casa simples e espaçosa destinada a ser o seu retiro de verão. Poderia ter servido também como seu lar na aposentadoria, só que ele nunca se aposentou. Todo outono, depois de deleitar-se nessa toca, ele voltava para a cidade, onde a vida era menos singela. Linnaeus foi enfraquecendo, ficando enfermo, e acabou por sofrer uma convulsão depois de uma última escapada para o campo, contrariando ordens rigorosas do médico. Morreu em 10 de janeiro de 1778. Foi sepultado sob o piso de pedra da catedral de Uppsala, a Abadia de Westminster da Suécia.



“Os maridos e as mulheres e os não-casados coabitam em quartos nupciais separados.”

Seis anos depois, seguindo as instruções póstumas de Linnaeus, a viúva vendeu sua biblioteca, seus manuscritos e a maioria de suas coleções a um comprador que cuidaria bem daquilo tudo: o jovem inglês chamado James Edward Smith, que fundou uma sociedade científica para receber os tesouros e a batizou de Linnean Society of London (Sociedade Lineana de Londres), cuja grafia derivou não só do sobrenome original de Linnaeus mas de sua versão nobre, Von Linné. Ali as preciosidades jazem protegidas em um cofre no subsolo, mas estão disponíveis aos estudiosos (e em breve também em forma digitalizada). Linnaeus aprovaria. O conhecimento, em sua opinião, era para ser transmitido e usado.

Hammarby, a casa de campo de Linnaeus, permaneceu com sua família por um século, depois foi comprada pelo Estado sueco e transformada em museu. Embora sua casa próximo à Universidade de Uppsala também tenha sido restaurada, Hammarby transmite idéia mais clara do caráter, dos defeitos e das alegrias de Linnaeus em seus momentos de solidão. No interior da velha casa de campo, com vista para as plantações lamacentas, está exposta sua coleção de cajados de caminhada. Também podemos ver o barrete vermelho que costumava usar, em vez de uma peruca formal, para cobrir seu cabelo cortado rente. Há retratos de suas quatro filhas, do filho e do seu macaco de estimação, sem ordem específica de grau de afeição. Ele e a esposa dormiam em quartos separados, nos extremos opostos do segundo andar. O dele é recôndito, com acesso apenas por outro aposento que usava como escritório.

O quarto, boa parte preservada exatamente como Linnaeus o deixou, tem uma pequena cama com dossel, do tipo conhecido na Suécia como *himmelssäng*, “cama do céu”. Uma escrivaninha de madeira encimada por uma janela estão na

parede oeste. Flores enfeitam todas as paredes.

Na verdade, as paredes são recobertas de ponta a ponta com grandes imagens florais recortadas de livros. São plantas robustas, exuberantes, algumas vistosas, outras elegantes, todas sugerindo fecundidade e fruição: abacaxi, banana, magnólia, lírio, cacto, mamão e outras. Muitas dessas gravuras pintadas a mão provêm de ilustrações de seu velho amigo Georg Dionysius Ehret. Raras e magníficas, seriam artigos de colecionador mesmo se não tivessem relação nenhuma com Linnaeus. Outrora vívidas e nítidas, hoje estão esmaecidas, borradas, manchadas, duramente castigadas pela umidade e pelo tempo. No dia em que visitei a casa, acompanhado pela curadora de botânica Karin Martinsson, o frio úmido de janeiro pairava novamente no ar.

Linnaeus foi avisado de que poderia ocorrer o estrago, mas não se importou. Queria as gravuras à sua volta. E daí se elas se deteriorassem? Isso iria acontecer com o seu corpo também.

Mesmo hoje, disse Karin, seria possível, com todo cuidado, descolar aquelas gravuras tão antigas para preservá-las em melhores condições. Mas isso não vai acontecer. “Tirá-las das paredes seria como arrancar o coração de Hammarby”, comparou ela. Assim como está, o coração da casa reflete o de seu dono original: cheio de plantas. Os peregrinos que visitarem o quarto neste ano do tricentenário, e presumivelmente haverá muitos, vindos do mundo todo, poderão contemplar esse papel de parede improvisado e absorver uma importante verdade sobre toda a obra de Carl Linnaeus. O que o moveu não foi só o conhecimento. Foram o conhecimento e o amor. □

✎ **Mordida botânica** A fotógrafa Helene Schmitz conta como foi “atacada” por um urtigão em ngbrasil.com.br/0706

A *Musa textilis* (à direita) é uma bananeira filipina. Sua luminosa mistura de flores unissexuadas e bissexuadas a situa, como as numerosas outras espécies de bananeira, na classe 23: Polygamia (acima).

